

Apropriações e desdobramentos do conteúdo da página do movimento Vamos Juntas? por mulheres brasileiras¹

Lidianara FROHLICH²

Dafne Reis Pedroso da SILVA³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é analisar os usos, apropriações e desdobramentos do conteúdo da página do movimento do Vamos juntas? por mulheres brasileiras. A pesquisa traz a contextualização do Vamos juntas?, e aborda conceitos sobre feminismo, usos e apropriações, estratégias e táticas, e redes sociais. Metodologicamente, ocorreu a coleta de dados a partir de um questionário estruturado aplicado nos grupos do Vamos juntas? no Facebook. Pode-se concluir que o movimento se desdobra em duas ações: uma, de forma mais concreta, porém menos expressiva, na qual as mulheres se encontram e seguem suas rotas juntas para se protegerem, a outra, de maneira mais difusa e subjetiva, que atua em relação às percepções e a visão de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Vamos juntas?; Redes Sociais; Apropriações; Feminismo; Gênero.

1. INTRODUÇÃO

Com o crescimento da internet e o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, os sites de redes sociais ganharam mais espaço no cotidiano das pessoas e aproximaram as interações entre produtores de conteúdo e receptores das mensagens. O Facebook, por exemplo, tornou-se um lugar de debate e disseminação de ideias, movimentos, marcas e produtos. O feminismo, por sua vez, tematizou discussões nesses espaços de modo a problematizar as relações de gênero e ganhou visibilidade.

É nesse contexto que o Vamos juntas?, objeto de referência deste artigo se insere, um movimento feminista que nasceu do medo e da insegurança da jornalista Babi Souza. Era noite de sexta-feira, inverno na capital gaúcha, quando ela voltava para casa do trabalho, percebeu que ao chegar no segundo ponto de ônibus, muitas das mulheres ali, estavam também no primeiro coletivo e percorreram a praça Dom

¹ Trabalho apresentado no IJ 2 – Publicidade e Propaganda do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, UNOCHAPECÓ, e-mail: lidiafro@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora da Área de Ciências Sociais Aplicadas da UNOCHAPECÓ. Doutora em Comunicação Social (PUCRS). E-mail: dafnepedroso@unochapeco.edu.br

Feliciano em Porto Alegre/RS, provavelmente sentindo o mesmo medo. Foi nesse instante que o *insight* do movimento Vamos juntas? surgiu. “E se as mulheres se unissem para se sentirem mais seguras ao saírem nas ruas?” (SOUZA, 2016).

Este estudo pretende analisar os usos, apropriações e desdobramentos do conteúdo da página do Vamos juntas? por mulheres brasileiras e justifica-se devido a pertinência de pesquisar a realidade em que mulheres se inserem. Além de colocar em pauta temas no âmbito social como feminismo, que historicamente traz a luta e as conquistas de mulheres por direitos iguais, e o movimento Vamos juntas?, que preza pela união e empoderamento feminino.

Já no meio acadêmico, é relevante apresentar e discutir temas atuais e compreender estes fenômenos. “Dentro das universidades brasileiras, os vínculos entre a pesquisa de comunicação e os estudos de gênero são ainda pouco explorados [...] Apesar de ainda tímida, a presença dessa temática vem ganhando força no campo”. (ESCOSTEGUY, 2008, p. 14). Em busca realizada no Google Acadêmico com as palavras-chave feminismo, gênero e redes sociais, foram encontrados dez artigos.

É significativo destacar, dois artigos: “O papel da página “Empodere Duas Mulheres” na expansão do movimento feminista nas redes sociais” (RODRIGUES, 2016). O artigo traz uma pesquisa netnográfica da página “Empodere Duas Mulheres” relacionando o feminismo, sua história e o ciberativismo. Também ressalta-se o estudo, “Ciberativismo Feminista e o Movimento Vamos Juntas?” (OLIVEIRA, 2016). O estudo baseia-se na história do movimento feminista e na desconstrução de uma sociedade machista, aliados ao ciberativismo e ao movimento Vamos juntas?. Contudo, nossa pesquisa vai adiante e busca identificar além do perfil das seguidoras do movimento, os usos, apropriações e desdobramentos do consumo de conteúdo midiático produzido pelo movimento.

2. VAMOS JUNTAS?, FEMINISMO E GÊNERO

O projeto Vamos Juntas? parte da ideia de sororidade - que significa um “grupo de irmãs, uma reunião entre mulheres que se reconhecem irmãs formando um grupo político e ético na luta pelo feminismo contemporâneo” (SOUZA, 2016, p. 41) - um termo que vem ganhando força, apesar da dificuldade de ser encontrado nos dicionários de língua portuguesa. “Na próxima vez que estiver em uma situação de risco (à noite,

num lugar pouco movimentado), observe: do seu lado pode estar outra mulher passando pela mesma insegurança. E se vocês fizessem juntas esse trecho do caminho? De quebra você ainda bate um papo e, quem sabe, faz uma amiga” (SOUZA, 2016, p. 19). Esse é o intuito do Vamos juntas?, unir mulheres e mostrar a elas que não estão sozinhas e podem encontrar um amparo na companheira ao lado em um momento de perigo.

Em uma postagem no Facebook, a jornalista divulgou a ideia, sem imaginar tamanho engajamento e expansão do movimento. A página do Vamos juntas? foi criada em 30 de julho de 2015 e em 48 horas alcançou 10 mil curtidas. Hoje são cerca de 379 mil curtidas, além de grupos fechados de todas as regiões do país e também grupos organizados por cidades e universidades. Em suas páginas e grupos, o movimento divulga incentivos e depoimentos de mulheres, para ressaltar e fortalecer a importância de estarmos juntas. Segundo a criadora do movimento, diariamente são recebidos cerca de 100 relatos de mulheres que colocaram o Vamos juntas? em ação. Estes mostram o alívio e a gratidão por ajudar ou receber ajuda de mulheres por vezes desconhecidas. São histórias de medo, de solidariedade e de apoio.

O movimento traz em princípio o fato de caminharmos juntas nas ruas para nos sentirmos mais seguras, porém ele aborda temas muito mais profundos e que estão enraizados em nossa sociedade, como a rivalidade entre mulheres, a violência sexual, a culpabilização da vítima, o machismo, o sexismo, entre outros. As histórias aliadas ao feminismo, a sororidade e o empoderamento feminino se tornaram o livro: Vamos juntas? O guia da sororidade para todas, publicado pela Galera Record e lançado em 8 de março de 2016, no Dia Internacional da Mulher.

Durante muito tempo as mulheres sofreram preconceitos sociais e históricos e foram marginalizadas pela sociedade. A cultura da subordinação e da discriminação ainda pode ser sentida hoje. No entanto, desde as primeiras manifestações feministas, mulheres têm lutado por sua liberdade e igualdade. “Em um sentido amplo, pode-se afirmar que sempre as mulheres - individual ou coletivamente - criticaram o destino injusto e muitas vezes amargo que o patriarcado lhes impôs e reivindicam seus direitos por uma vida mais justa”. (GARCIA, 2011, p. 13).

O feminismo, então - termo primeiramente utilizado nos Estados Unidos por volta de 1911 - surgiu como uma reflexão da posição da mulher na sociedade e se articula como uma filosofia política e um movimento social. Este em um significado mais amplo, pode ser definido como um movimento que questiona as relações de poder,

opressão e exploração de grupos de pessoas sobre as outras e propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade (TELES, 1993).

Diante do contexto, a mulher não se via representada nem reconhecida e era excluída de decisões em várias esferas, pois o homem imperava sobre tudo. Enquanto, eles construíam sua história, no comando das empresas, da lavoura, da política, etc. as mulheres ficavam aprisionadas no papel de mãe e esposa, pois eram compreendidas como seres frágeis, incapazes de realizar determinadas tarefas. O feminismo, enquanto movimento, configura-se através de “mulheres dispostas a combater a discriminação e a subalternidade das mulheres e que buscam criar meios para que as próprias mulheres sejam protagonistas de sua vida e história”. (TELES, 1993, p. 12).

Os movimentos sociais de cunho identitário são exemplos emblemáticos, apesar de lutarem pelo reconhecimento de suas particularidades e diferenças, ou seja, por questões específicas, o tipo de debate que eles provocam na sociedade acaba tocando em temáticas muito importantes que afetam a estrutura social e a própria constituição da sociedade. Isso aconteceu, por exemplo, com o movimento feminista, que provocou uma revisão a respeito da hierarquia entre os gêneros e politizou o espaço doméstico. (GOSS; PRUDENCIO, 2004, p. 81).

Inconformadas e decididas a lutar por melhores condições de vida, as mulheres criaram uma identidade de resistência, que segundo Calhoun citado por Castells (2000) é quando as protagonistas se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, constroem trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade. Assim, ao longo do tempo estas batalharam e conquistaram o direito à educação, ao voto, ao trabalho remunerado, a licença maternidade e à leis de proteção de violência contra a mulher, como a Maria da Penha no Brasil.

Segundo o livro da sociologia (2015), Sylvia Walby afirmava que o patriarcado era um sistema no qual os homens dominavam, exploravam e oprimiam as mulheres por meio de seis estruturas, a família, o trabalho pago, o Estado, as instituições culturais, a violência masculina e a sexualidade. Em primeiro momento, as mulheres eram desvalorizadas pelo trabalho de casa, porém eram valorizadas por estarem no lugar “certo”. No trabalho, assumiam cargos inferiores aos dos homens e somente exerciam determinadas atividades. O Estado por sua vez, intervia nas relações do trabalho e do lar, garantindo que as mulheres servissem às necessidades do homem. A violência masculina contra as mulheres, se configurava como importante instrumento de poder e

dominação. Já a sexualidade apontava as relações heterossexuais como a única opção aceitável por parte dos homens. E por fim, a cultura através das instituições, como escola, religião e mídia, criava uma representação da mulher sob um olhar patriarcal.

A ciência e o senso comum que pretendem dar a entender que os usos culturais e sexuais dominantes são resultado da biologia e portanto são intrínsecos, eternos e imutáveis não são senão expressões ideológicas que assinalam as relações de poder dominantes. Identidades profundamente sentidas, tais como feminina/masculina ou hetero/homossexual, não são privadas nem produto da biologia, mas se criam no espaço de encontro e tensão de forças políticas, sociais e econômicas que variam com o tempo. (GARCIA, 2011, p. 24).

Segundo John Costa (2014) citado por Florêncio (2015, p. 14), o debate das relações de gênero tem a “intenção de contribuir para a visibilidade das discrepâncias entre homens e mulheres no que se refere à ideia de equidade de gênero”. E é “apenas por meio da colaboração entre homens e mulheres pode-se redefinir os papéis de gênero”. (O LIVRO DA POLÍTICA, 2015, p. 289).

4. MÍDIA, ESTRATÉGIAS E APROPRIAÇÕES

De acordo com Certeau (2012, p. 96) “as estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem”. Nesse sentido, o movimento Vamos juntas? utiliza de estratégias para promover o entendimento de conceitos como a sororidade e o empoderamento feminino. Enquanto isso, também segundo Certeau (2012, p. 96) “as táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo - as circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável [...]”. A partir da percepção das estratégias são criadas as táticas, pequenas ações cotidianas que contribuem aos poucos para transformar a realidade das mulheres em uma condição de vulnerabilidade.

A internet se consolidou como um espaço comunicacional fundamental para a disseminação de ideias e ações feministas na cultura digital. Hoje, pode-se dizer que as redes sociais na internet se tornaram uma poderosa ferramenta de difusão de informações e debates. “As mídias digitais, integradas ao cotidiano, foram apropriadas

pelas pessoas, grupos, comunidades e sociedades como parte de suas atividades, de seus relacionamentos, de suas vidas”. (MARTINO, 2015, p. 271).

Segundo Garcia *et al.* (2011, p. 6) “o conceito de “uso” pode ser entendido como o “emprego habitual” de um objeto ou de uma tecnologia ou de um tipo de discurso”. Assim, o Vamos juntas? também usou este meio para espalhar a ideia de sororidade e incentivar mulheres a praticá-la. Além de utilizar as redes sociais para divulgação, o movimento quer promover a ação para além delas. “Aí estão os usos que muitas minorias e comunidades marginalizadas fazem das tecnologias, [...] para construir grupos que, virtuais em seu nascimento, acabam territorializando-se, passando da conexão ao encontro, e do encontro à ação”. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 69).

As mulheres do movimento apropriaram-se desse conteúdo e encontraram maneiras de adequar-se a sua realidade. De acordo com Thompson (2001, p. 45) citado por Garcia *et al.*:

Apropriar-se de uma mensagem é apoderar-se de um conteúdo significativo e torná-lo próprio. (...) É adaptar a mensagem à nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias em que a vivemos; contextos e circunstâncias que normalmente são bem diferentes daqueles em que a mensagem foi produzida.

Nesse sentido, o movimento Vamos juntas? e as ideias que ele dissemina são adaptadas nos diferentes contextos que as mulheres brasileiras se inserem. Pode ser desde uma ação mais concreta, como irem juntas a determinado lugar para se sentirem mais seguras, ou até mesmo algo mais subjetivo, como uma visão de mundo, que ajuda a compreender o papel da mulher na sociedade.

“Esses fenômenos representam aquilo que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilização social: o advento da Comunicação Mediada pelo Computador” (RECUERO, 2009, p. 16). Com o acesso à internet, a conexão entre pessoas ampliou o espaço de interação, de discussão e expressão, transformando os conteúdos e a forma como eles são apresentados. “Falar de identidade hoje implica também - se quisermos condená-la ao limbo de uma tradição desconectada das mutações perceptivas e expressivas do presente - falar de migrações e mobilidades, de redes e fluxos, de instantaneidade e fluidez”. (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 61).

A presença de temas nas redes sociais, da mesma maneira, parece garantir essa possibilidade de dar *visibilidade pública* a uma

determinada discussão, aumentando sua chance de exposição e, conseqüentemente, de discussão. A Esfera Pública, aliás, foi pensada primeiramente como um espaço de livre exposição e debate de ideais. (MARTINO, 2015, p. 92).

O feminismo também anseia por visibilidade, para divulgar suas ideologias, atingir e engajar mais mulheres à ideia de equidade de gênero. Em meio a cultura digital, ainda homens e mulheres não conhecem o feminismo, e muitas vezes possuem visões equivocadas sobre o movimento. As redes sociais são uma forma de potencializar os discursos e gerar uma identificação coletiva para a mobilização, a interação e o debate público. “Quem participa das redes *online* são seres humanos ligados às redes do mundo, [...]. Assim como o mundo real é levado para as redes sociais digitais, as discussões *online* têm potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico”. (MARTINO, 2015, p. 58).

Segundo Castells (2000), o feminismo e as lutas travadas pela mulher têm vivido seus altos e baixos em toda a extensão da experiência humana, sempre ressurgindo, sob novas formas, unindo-se cada vez mais a outras fontes de resistência à dominação. As redes sociais e toda essa interação, produção e recepção de conteúdo, as ideologias feministas têm engajado e empoderado mais mulheres a se libertarem das imposições e assumirem sua real identidade na sociedade.

5. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente artigo foi realizada uma pesquisa exploratória, com o intuito de compreender o movimento Vamos juntas? no Facebook e para além dela, ou seja, a partir de conceitos que a página propaga, como sororidade e empoderamento feminino, buscou-se captar de que maneira esses grupos de mulheres se organizam para se encontrar e irem juntas.

Além da observação da página, houve um mapeamento de grupos do Vamos juntas? no Facebook. A partir disso, constatamos que para cada região do Brasil existe um grupo organizado que traz eventos, atividades e promove o encontro de meninas. Posteriormente, analisou-se que esses grupos maiores se desdobram em subgrupos de determinadas regiões, cidades e universidades.

Este estudo tem como base o olhar de uma pesquisadora *insider*, a qual está inserida no universo do movimento Vamos juntas?. “É característico da etnografia

refletir acerca do papel do pesquisador, tanto sobre os níveis de engajamento e interação com os grupos sociais como em termos éticos” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 192). Por isso, é importante ter uma percepção crítica sobre esta análise. Contudo, participar desse espaço acarreta em consequências que conforme Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 193) interferem diretamente na pesquisa.

Assim como o pesquisador observador silencioso ou *lucker* implica limitações e benefícios para os resultados da pesquisa, o chamado *insider* (Hodkinson, 2005) também compromete a narrativa etnográfica, com a inserção de elementos autobiográficos e seu pré-conhecimento e/ou participação da cultura observada.

A pesquisa foi realizada através de um questionário estruturado, que segundo Duarte e Barros (2005), contém perguntas iguais para todos os entrevistados, permitindo a comparação e uniformidade entre respostas. Nesse sentido, foi feita uma etapa exploratória - de modo a testar o entendimento das questões - num grupo secreto do Facebook com 18 mulheres que eram amigas da pesquisadora na rede social e curtiam a página, na qual obtivemos 5 respostas. Após, ocorreu uma reformulação para postagem nos grupos centrais de nossa pesquisa.

O questionário disponível no Google Formulários partiu de um roteiro estruturado com 15 perguntas, que de acordo com Gil (2010, p. 113), possibilita “o tratamento quantitativo dos dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais”. As perguntas tinham a finalidade de entender o perfil dessas mulheres, bem como os desdobramentos do movimento para além das redes sociais, também os usos, apropriações e práticas cotidianas em relação a sororidade e empoderamento feminino.

A pesquisa foi divulgada nos grupos fechados da região sul, sudeste, centro-oeste, norte e nordeste, além dos grupos das cidades Brasília/DF, Belo Horizonte/MG, Rio Grande/RS, Campinas/SP e ABC Paulista e São Paulo, também no perfil pessoal da autora no Facebook. Os grupos foram escolhidos de maneira não sistemática, pois necessitavam de aprovação dos administradores para participar e postar o questionário. A pesquisa recebeu respostas entre os dias 11 e 18 de outubro de 2016. Posteriormente houve um segundo momento de coleta, com as mulheres que afirmaram não haver ou não saber da existência de grupos em sua cidade/universidade, no sentido de entender o porquê estes não ocorrem neste espaço. Também com as mulheres que disseram

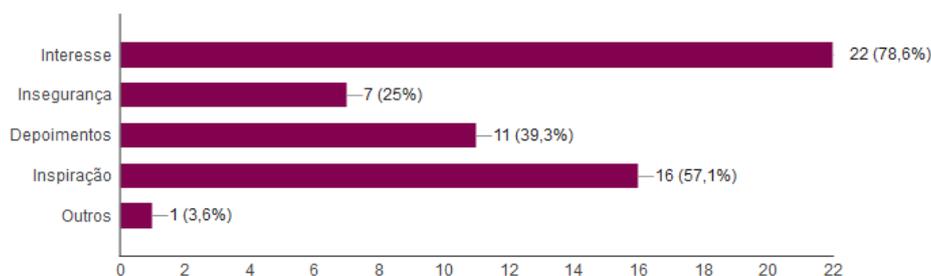
participar de um grupo em sua cidade e/ou universidade, para saber melhor como se dá esse movimento cotidianamente.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período em que o questionário online esteve disponível para receber respostas, obtivemos 28 participações. Sobre o perfil destas mulheres é possível afirmar que 54% residem na região sul, 39% na região sudeste e 7% na região nordeste. A idade das participantes varia de 14 à 56 anos, sendo que a maioria são jovens de 19 anos. Quanto à escolaridade, 19 destas possuem ou estão cursando o Ensino Superior, 5 o Ensino Médio e 1 o Ensino Fundamental, já outras 3 Pós-Graduação e/ou Mestrado. Em relação à profissão a maioria respondeu ser estudante, seguida de jornalista, professora, psicóloga, designer, auxiliar administrativa, economista, engenheira elétrica, estagiária, entre outras. Pode-se dizer que são mulheres jovens e possuem alto nível de escolaridade, nascidas em meio a cultura digital. Nesse sentido, as participantes são privilegiadas por terem estudo, acesso à internet e morarem em regiões mais desenvolvidas, elementos considerados fundamentais para estarem socializadas nas discussões acerca do feminismo.

Sobre o Vamos juntas? 75% declararam ter conhecido o movimento através das redes sociais e 25% por indicação de uma amiga, apesar da grande repercussão em jornais, revistas e televisão, nenhuma destas teve contato através desses meios, talvez por estarem imersas ao mundo digital, característica geracional, pois são mulheres nascidas no final da década de 1990. Abaixo o gráfico mostra os motivos que levaram as participantes a seguirem o Vamos juntas?

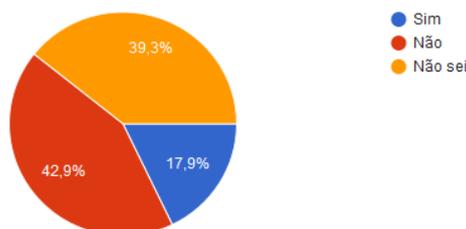
Gráfico 1 - O que te fez seguir o Vamos juntas?



Uma das questões centrais de nossa pesquisa era compreender o Vamos juntas? enquanto movimento no cotidiano das mulheres, para isso era preciso saber de sua existência, veja o gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Existência do Vamos juntas? na cidade/universidade

O Vamos juntas? existe na sua cidade/universidade? (28 respostas)



A partir desses dados podemos perceber que as ações presenciais do movimento ainda passam por um processo de solidificação e conhecimento por parte das mulheres, que em sua maioria o desconhecem. Para compreender essa lacuna deixada pela pesquisa, entramos em contato com as participantes que responderam as opções não ou não sei, para saber o porquê o movimento não existe nesses lugares. As quatro respostas que obtivemos dão conta de que as cidades são muito pequenas e as pessoas não conhecem o Vamos juntas?, fator que dificulta a mobilização, possivelmente porque os índices de violência nesses locais são menores, bem como as distâncias percorridas dentro da cidade. Neste caso, as mulheres utilizam de outras táticas para se deslocar em suas cidades.

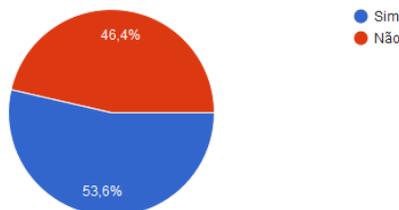
Dentre as 28 participantes, apenas 5 afirmaram que o movimento existia em sua cidade/universidade e que elas participavam do mesmo, porém suas respostas foram vagas e pouco concretas em relação a como o movimento acontece. Uma delas conta que ocorre “nas redes sociais como forma de alertar os perigos das regiões da cidade, combinar coisas e como forma de ajuda para algo específico”. Já a outra reconhece que o movimento ainda não é muito forte e há pouca união entre as mulheres. Contudo, nossa pesquisa gostaria de mais detalhes, como por exemplo, saber como as integrantes dos grupos se encontram e para onde vão, para isso fizemos um segundo contato via email, mas não obtivemos nenhuma resposta. Aqui, pode-se dizer que o Vamos juntas? diante de nosso estudo existe mais significativamente nas redes sociais do que na concretude cotidiana dos caminhos percorridos pelas participantes.

Como a sororidade é um dos conceitos mais divulgados na página do Vamos juntas? no Facebook, perguntamos a nossas participantes se ela já conheciam a

sororidade antes do movimento, abaixo o gráfico mostra que pouco mais da metade, ou seja, 15 mulheres conheciam o conceito.

Gráfico 3 - Conceito de sororidade

Você conhecia o conceito de sororidade antes do Vamos juntas? (28 respostas)



A sororidade é uma palavra ainda pouco difundida na sociedade, muitas mulheres tomam conhecimento por meio das discussões sobre feminismo, pois este procura desconstruir a ideia de rivalidade e introduzir a união delas. No entanto, a palavra dificilmente é encontrada num dicionário de língua portuguesa. Posteriormente questionamos se essa ideia de união fazia parte do cotidiano das participantes, 89,3% afirmaram que sim e outras 10,7% que não. As que responderam sim, disseram que passaram a enxergar a companheira ao lado com mais empatia, a não julgar ou culpar, a apoiar, a escutar, a aconselhar e compreender a realidade da outra, mas principalmente ficar atenta para ajudar quando ela se encontra em situação de risco. A promover a união, confiança e a proteção, que conseqüentemente trazem maior segurança, a desconstruir o machismo no dia a dia e espalhar essa ideia de irmandade entre mulheres.

Quanto a acompanhar outras páginas de conteúdo feminista, apenas 5 mulheres disseram não seguir nenhuma, as outras 23, seguem páginas como a Empodere Duas Mulheres, Não Me Kahlo, Feminismo Poético e Think Olga, as quais são as mais recorrentes entre as respostas. São fanpages que trazem notícias cotidianas de mulheres, de violência física ou psicológica, de empoderamento, de conquistas, além de mobilizações, textos reflexivos, discussões sobre gênero, campanhas publicitárias, que sobretudo promovem o debate e a conscientização de mulheres sobre a importância de lutar e não se calar diante das desigualdades e da opressão. É importante ressaltar que estas mulheres estão imersas em um ambiente midiático de conteúdos e discussões sobre feminismo e gênero, e que isso pode vir a mediar os demais consumos.

Em relação a contribuição do Vamos juntas? para algo em sua vida, 3,6% afirmaram que não contribui para nada, já 96,4% afirmaram que sim, o movimento colaborou principalmente para mudar e/ou ampliar a visão de mundo, as maneiras de agir e pensar em relação a outras mulheres. Uma das participantes relata: “Me fez

perceber que nós mulheres somos mais do que aquilo que costumam impor, podemos e devemos ser o que quisermos, que nossa beleza vai além da estética, fez eu me aceitar como sou, e que não devo me sujeitar a obedecer o que tentam me enfiar goela abaixo, e também que não somos rivais!”.

Outra mulher conta que já era feminista antes mesmo de conhecer o feminismo, mas que somente após conhecer o movimento passou a observar o quanto as mulheres são vítimas do machismo, principalmente em relação objetificação e aos padrões que sociedade impõe sobre os corpos:

após conhecer o feminismo eu consegui aceitar o meu corpo como ele era, o feminismo me deu essa visão de empoderamento e força feminina, eu senti que a luta não era só minha, mas que existem outras mulheres no mundo que já sofreram em relações abusivas assim como eu, e que não era culpa minha, nem delas, a pressão em que estávamos submetidas, para sermos perfeitas ou o tipo "mulher perfeita", até porque esse ideal não existe.

Em relação aos depoimentos que o Vamos juntas? divulga no Facebook, 3 das nossas participantes afirmaram ter enviado alguma experiência para a página, porém estes não foram divulgados na página, já as outras 25 responderam que não. O movimento colaborou de alguma forma ou outra para mudar e ampliar a maneira de enxergar a realidade da mulher ao lado. Nessa perspectiva, as participantes se mostraram muito conscientes e reflexivas, expondo suas diferentes experiências de ser mulher no mundo.

antes de conhecer o Vamos Juntas, já deixei de ir a vários lugares em certos horários, principalmente dentro do campus. Vendo que as meninas passam informações sobre movimentação estranha em determinado lugar, ou compartilhando seus relatos, ou se articulando para irem acompanhadas aos lugares dentro da universidade, dá mais segurança transitar.

Durante o processo de mapeamento tivemos contato com o Núcleo Feminista da FADERGS através do grupo da região Sul. O Vamos juntas à Parada? é um projeto construído juntamente com o movimento Vamos juntas? e surgiu em agosto de 2015. Ele é direcionado somente para alunas da instituição e funciona a partir da inscrição em formulário online, na qual as estudantes informam a unidade em que tem aula, os dias, os turnos e qual o trajeto que elas fazem. Uma vez cadastradas, o Núcleo se encarrega de analisar os dados e conferir se o trajeto de alguma menina bate com o de outra, bem

como as unidades, horários e dias de aula. Assim, entra-se em contato com ambas para que estas combinem entre si para se encontrarem e irem juntas à parada. Segundo a presidente, Ryana Gonçalves, atualmente são cerca de 60 meninas cadastradas, o sistema é todo manual, feito em uma tabela do Excel e foi criado com a ajuda da Babi Souza. Apesar da divulgação no site da faculdade e nas salas de aula, ainda é baixa a procura. Após o contato, o Núcleo não possui um monitoramento para saber se de fato as estudantes vão juntas à parada de ônibus.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que o movimento se desdobra em duas ações, uma, de forma mais concreta e que inclusive pode ser estudada e é visível na prática, porém é menos expressiva, na qual as mulheres se encontram e seguem suas rotas juntas para se protegerem, como o exemplo do Vamos juntas à Parada? da FADERGS. E a outra de maneira mais difusa e subjetiva, que atua em relação às percepções e a visão de mundo, que colabora de forma teórica para o entendimento de conceitos que o próprio feminismo e o Vamos juntas? divulga.

Em relação aos usos e apropriações, é possível afirmar que nossas participantes a partir do contato com a página e/ou grupos do Vamos juntas? mudaram suas percepções, principalmente quanto a enxergar a mulher ao lado. Utilizam-se das redes sociais para apoiar, debater e compreender a realidade da outra. Apropriam-se do conteúdo e recriaram uma forma própria para aplicar em seus contextos e assim, transformar o espaço em que se inserem.

O Vamos juntas? a partir da visão de Certeau (2012) é uma estratégia. Assim, o movimento é compreendido como algo maior e que de forma organizada orienta mulheres, promove encontros e eventos, desperta para um entendimento sobre sororidade, empoderamento feminino e violência contra a mulher. Já as pequenas ações são percebidas como táticas que ocorrem conforme a situação, como ver uma mulher em perigo e tentar ajudá-la, ou oferecer companhia para irem juntas, conversar sobre equidade de gênero, espalhar a ideia de sororidade. O Vamos juntas? como estratégia dá um embasamento mais teórico, já as ações cotidianas como táticas são sentidas na prática e podem provocar alguma mudança. Nesse contexto, as táticas nos parecem ter mais força do que as estratégias.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 8ª edição, 1991.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530 p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer**. 19. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. (Org.). **Comunicação e gênero [recurso eletrônico]: a aventura da pesquisa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/comunicacaoegenero.pdf>>. Acesso em 21 set. 2016

FLORÊNCIO, Carolina Boufleuer. **Corpos midiaticizados e narrativas biográficas: os processos de recepção do programa 302 por mulheres brasileiras**. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social Publicidade e Propaganda). Unochapecó, SC, 2015.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARCIA, Luciana Lima; SILVA, Amanda Cíntia Medeiros e; MIZIVIERO, Helena Velic; LACERDA, Juciano de Sousa. **Usos e apropriações das TICs: um balanço da pesquisa da pesquisa em dissertações e teses do campo da comunicação**. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 34, 2011, Recife. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2239-1.pdf>>. Acesso em: 17 nov 2016.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. 3. Reimp. São Paulo: Atlas, 2010.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. **O conceito de movimentos sociais revisitado**. Janeiro-julho 2004. p. 75-91. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13624/12489>>. Acesso em: 20 out. 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Sociedade Midiatizada**. Dênis Moraes (org.); [traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra. Lucio Pimentel]. - Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, Tainá Barbosa. **Ciberativismo Feminista e o Movimento Vamos Juntas?**. In: INTERCOM, XV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte. 2016, Bela Vista. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/regional/resumos/R49-0480-1.pdf>> Acesso em: 03 set. 2016.

O livro da política / [texto e edição] Paul Kelly ... [et al], tradução Rafael Longo. - 1. ed. - São Paulo: Globo 2013.

O livro da sociologia/ ilustração James Graham; tradução Rafael Longo. - 1. ed. - São Paulo: Globo Livros, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2008. 191 p.

RODRIGUES, Zilá Marília Torres. **O papel da página “Empodere Duas Mulheres” na expansão do movimento feminista nas redes sociais**. In: INTERCOM, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39., 2016, São Paulo. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2981-1.pdf>> Acesso em: 03 set. 2016.

SOARES, Will; ACAYABA, Cíntia. **Um em cada 3 brasileiros culpa mulher em casos de estupro, diz Datafolha**. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-estupro-diz-datafolha.html>>. Acesso em: 21 set. 2016.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?**. Disponível em: <<http://movimentovamosjuntas.com.br/>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas? - O guia da sororidade para todas**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.

SOUZA, Babi. **Vamos juntas?**. <Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimentovamosjuntas/?fref=ts>>. Acesso em: 31 ago. 2016

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1ª edição, 1993.